

EDITORIAL**EDUCAÇÃO ONLINE EM TEMPOS DE PANDEMIA - DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA UMA ESCOLA INCLUSIVA****Ana Loureiro**Instituto Politécnico de Santarém | LE@D | CIAC
ana.loureiro@ese.ipsantarem.pt | ORCID 0000-0003-1322-3070**Elsa da Piedade Rodrigues**Instituto Politécnico de Beja
elsa.rodrigues@ipbeja.pt | ORCID 0000-0001-8445-6651**João Mattar**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
jmattar@pucsp.br | ORCID 0000-0001-6265-6150

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) têm um papel fundamental na sociedade contemporânea. O seu papel, durante a pandemia CoViD-19, assumiu especial relevo nomeadamente no Ensino a Distância, no Ensino Remoto de Emergência e na Educação Online. As escolas têm o dever de proporcionar um ensino de maior qualidade de forma a incluir todos os alunos. Sendo a inclusão um processo que visa apoiar a Educação para todos e para cada indivíduo, de acordo com as suas características específicas, que incluem todas as condições físicas, psicológicas, sociais e outras. Cabe às escolas e aos professores desenvolverem medidas e processos de inclusão digital, que lhes permitiram continuar o processo de ensino e aprendizagem, transformando os desafios em oportunidades, nos quais as famílias desempenharam um papel crucial. A escola inclusiva é um desafio para a sociedade, assumindo uma particular relevância durante a pandemia CoViD-19. Os alunos de origens vulneráveis foram particularmente afetados, incluindo crianças e jovens de famílias de baixo rendimento e monoparentais, imigrantes, refugiados, minorias étnicas e origens indígenas e aqueles com necessidades educativas especiais. Estes alunos foram privados de oportunidades de aprendizagem física, de apoio social e emocional disponível nas escolas e de serviços extras, como as refeições escolares. Os processos educativos em todo o mundo tiveram que ser



adaptados à contenção, e o Ensino Remoto de Emergência acentuou ainda mais as barreiras tecnológicas e digitais que afetam as famílias mais desfavorecidas e os alunos mais vulneráveis e com menos competências digitais (Fleming, 2020). Na realidade, “não podemos esquecer que há muitas famílias com elevado nível de iliteracia digital” e que “poderão não existir os equipamentos informáticos e a Internet em casa ou serem insuficientes os recursos disponíveis” (SPN, 2020). É de reforçar que se existem alunos que, “devido às contingências do tempo que vivemos, serão vítimas do previsível agravamento das desigualdades, também no plano educativo, os que apresentam necessidades educativas especiais e carecem de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, serão, indubitavelmente, dos mais penalizados” (SPN, 2020). De facto, muitas instituições “*had plans to make greater use of technology in teaching, but the outbreak of Covid-19 has meant that changes intended to occur over months or years had to be implemented in a few days*” (Daniel, 2020). Os professores, a distância e em cada sala de aula estendida ou virtual, fizeram todos os esforços para manter a qualidade do ensino, reinventando estratégias e definindo novas dinâmicas, adequando-se às necessidades dos alunos, às contingências, às restrições e às potencialidades tecnológicas, adaptando-se, pouco a pouco, ao novo normal apoiado e mediado pelas tecnologias digitais. Nas salas de aula estendidas ou virtuais, aspetos como a possibilidade de colaboração, comunicação, partilha e socialização são essenciais, pelo que a capacidade de socializar é assumida como um factor crucial para uma aprendizagem colaborativa e para a construção de conhecimento (Loureiro & Bettencourt, 2014). Em situações em que os alunos tenham ou sintam dificuldades de acesso à sala de aula estendida ou virtual, seja por dificuldades técnicas, económicas ou iliteracia, poderá levar a que se sintam excluídos e ao isolamento social, acentuando as desigualdades.

Os artigos que compõem esta edição são estudos de caso em torno dos desafios da inclusão em tempos de pandemia, que se apoiam na análise de documentos, na observação, na condução de entrevistas, na aplicação de questionários, e na experiência da prática dos próprios professores e formadores em Portugal e no Brasil. Encontramos relatos de experiências não só com alunos do Ensino Básico, como também com alunos oriundos da modalidade Educação de Jovens Adultos (EJA) e até mesmo alunos de Universidades Séniores. A diversidade de públicos é vasta, assim como as desigualdades sociais e económicas que, em muitos casos, são o motivo do sentimento de exclusão que se viveu (e vive) durante uma pandemia.



Para que se pudesse alcançar a maioria dos alunos, independentemente das características dos mesmos, novas estratégias tiveram de ser definidas. No que concerne ao ensino especial, este apresentou maiores dificuldades, tanto para os professores como para os alunos. Sendo a dedicação dos professores, um elemento essencial para ultrapassar as diversidades encontradas no dia a dia do estado pandémico.

Assim, o primeiro artigo que podemos encontrar nesta edição e que se intitula *Trabalho Colaborativo @ Distância em Tempos de Pandemia: Uma Solução de Inclusão no 1º Ciclo para Alunos com Necessidades Específicas*, da autoria de Samartinho, Novo e Samartinho, “apresenta um caso prático de adaptação, planeamento, desenvolvimento e implementação de uma prática baseada no uso da tecnologia e de alguns princípios de ensino a distância, para alunos com necessidades específicas, dos 2º e 4º anos do 1º Ciclo do Ensino Básico”, com o intuito de facilitar o processo de comunicação e o processo de ensino e aprendizagem. Os autores, com este estudo de caso, concluíram que as “práticas adotadas mostraram-se eficazes (...) pelo que (...) poderão ser um contributo importante para colmatar os constrangimentos por eventuais casos de isolamento profilático ou motivados por outro tipo de doença que impossibilite o aluno de estar presencialmente na sala de aula”.

De seguida, as autoras Neta, Nascimento e Falcão, trazem-nos o artigo *A Educação Dos Estudantes Com Deficiência Em Tempos De Pandemia De Covid-19: A Invisibilidade Dos Invisíveis*, que nos apresenta um estudo que procurou “compreender como tem acontecido o ensino remoto para os alunos com deficiência”, inquirindo “professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da rede municipal de Fortaleza que acompanham alunos com deficiência nas Salas de Recursos Multifuncionais”. As autoras concluíram, através da análise dos dados obtidos, que “as problemáticas vivenciadas na inclusão de estudantes com deficiência na escola comum no cotidiano escolar permaneceram e ampliaram-se durante o ensino remoto ofertado no período de pandemia de Covid-19”. Urge definir medidas, implementar estratégias e criar condições de acesso às tecnologias digitais, condições para a formação e capacitação dos professores e dos alunos, de forma a colmatar estas desigualdades, para que possamos vir a ter uma verdadeira escola inclusiva.

O artigo *Encurtar Distâncias em Tempo de Pandemia da Covid-19 na Intervenção Precoce na Infância: O Caso do André*, da autoria de Correia e Caeiro, apresenta-nos os resultados de um estudo de caso muito particular “sobre o impacto



da pandemia na especificidade de intervenção com uma criança com perturbação do espectro de autismo (PEA) e sua família” apoiados por uma Equipa Local de Intervenção Precoce (ELI). As PEA “são um síndrome neuro-comportamental com origem em perturbações do sistema nervoso central que afeta o normal desenvolvimento da criança. Os sintomas ocorrem nos primeiros três anos de vida e incluem três grandes domínios de perturbação: social, comportamental e comunicacional” (American Psychiatric Association, 2013, citado por FPDA). Os dados obtidos com este estudo, pela sua natureza, não podem ser generalizados. No entanto, e apesar de “o período da experiência com a intervenção “à distância” tenha sido limitado e não seja possível recolher dados que permitam testar o efeito desta forma de atuação”, as autoras consideram que o mesmo “constituiu uma oportunidade para se pensar numa alternativa ao modelo de intervenção direta, sempre que este não se possa realizar, bem como a possibilidade de se utilizar um modelo “misto”, numa realidade pós COVID-19, sem desvirtuar aquilo que são os fundamentos da IPI” (Intervenção Precoce na Infância).

Também o artigo *Inteligência Coletiva em uma Comunidade Virtual de Aprendizagem no Contexto Pandêmico*, apresentado pelos autores Gomes e Nascimento, nos relata uma experiência com professores “que atuam diretamente na Educação Especial com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e objetiva compreender como estes docentes têm explorado comunidades de aprendizagem que possam contribuir com o planejamento de suas práticas educacionais em um contexto de ensino não presencial”. Uma comunidade virtual de aprendizagem “é uma rede colaborativa de indivíduos que partilham uma área de investigação e comunicam sobre ela, online” e cujo enfoque “é a construção do conhecimento através da colaboração, da realização de tarefas em equipa, de uma reestruturação da forma de pensar e de trabalhar” (Loureiro *et al*, 2009). Os dados obtidos com este estudo demonstram “uma percepção positiva acerca da participação no grupo que se constitui em um espaço de produção de inteligência coletiva e catalisa a emergência de uma comunidade de aprendizagem mútua entre os participantes. Os relatos denunciam questões de desigualdade de gênero com a sobrecarga de mulheres que acumulam uma nova rotina de trabalho remoto com questões familiares”.

Abordando a questão das desigualdades de gênero acentuadas pela pandemia, surge o artigo *A Gestão do Tempo no Trabalho Docente: Uma Análise de Gênero no Contexto da Pandemia*, da autoria de Vidal. Neste artigo, a autora, procurou “compreender como se deu a interação entre educação, trabalho docente e aulas



online para professoras do Brasil e Portugal” que lecionam no ensino básico e no ensino secundário. Depois de implementado o estudo e analisados os resultados, a autora refere que a “palavra tempo foi o conceito mais usado pelas profissionais para ressaltar como o ensino online e o trabalho docente foi organizado (...) as mulheres foram as mais afetadas pela CoViD-19 em função de estar na linha de frente nos cuidados da família, da saúde, e da educação dos filhos. O período da pandemia mostrou que a sobrecarga na vida cotidiana com os familiares na quarentena foi desigual e injusta”. Nas palavras do Secretário Geral das Nações Unidas, António Guterres (UNODC, 2020), “*I urge governments to put women’s safety first as they respond to the pandemic*”. As questões de desigualdade de género, tendencialmente, acentuam-se nos períodos de crise e de pandemia, pelo que as populações mais desfavorecidas deveriam ser protegidas de forma a que não exista espaço para exclusão e opressão.

Também na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) podem ocorrer situações de desigualdade, de isolamento e de exclusão. A EJA no Brasil “perpassa por inúmeros desafios, sendo que os estudantes contidos nessa situação são públicos especiais e muito carentes que necessitam de um olhar diferenciado, tanto na abordagem de sua formação e apoio na solução de problemáticas, quanto na busca incessante de melhorias e pesquisas nesta área. As trajetórias de risco, presentes na maioria desses estudantes, impedem a profunda construção do saber e preparação para o mundo do trabalho” (Melo & Loureiro, 2017). O artigo *Educação não Presencial na EJA do Paraná em Tempos de Pandemia: Uma Proposta Possível?*, dos autores Lima, Costa, Lopes e Haracemiv, traz-nos uma perspectiva reflexiva de como “a educação não presencial no Paraná deixou lacunas em relação às condições socioeconômicas, habilidades técnicas e formação tecnológica dos principais atores desse processo: educandos/as e professores/as”. Depois da análise documental realizada, os autores concluem que “a proposta de educação não presencial do estado do Paraná apresenta uma visão simplista da EaD, desconsiderando as metodologias e práticas pedagógicas específicas da modalidade. Identifica-se fragilidades no que se refere à formação dos sujeitos envolvidos, bem como nas metodologias de acesso para o ensino e a aprendizagem”.

As universidades seniores, cujo público é tantas vezes esquecido e na sua grande maioria info-excluído, também tiveram que interromper as suas atividades letivas. O artigo *Atividades online nas universidades seniores em tempos de pandemia*, da autoria de Jacob e Coelho, traz-nos o relato da experiência vivida nas



universidades sêniores durante a pandemia e as adaptações que realizaram de forma a dar resposta às suas atividades letivas a distância. Com o estudo implementado, concluíram que a “maioria das US desenvolveu algum tipo de trabalho online, com preferência pelas plataformas Zoom e Facebook. A adesão dos alunos e professores foi variável, mas globalmente positiva, e a dificuldade em lidar com as tecnologias foi o principal problema encontrado”. As universidades seniores têm um papel fundamental no que toca ao envelhecimento ativo das populações, dando a oportunidade aos cidadãos seniores de continuarem a ter um papel ativo na sociedade e de viverem as suas vidas de forma saudável, independente e tão preenchida quanto possível (Loureiro & Barbas, 2014). Assim, a sua capacidade de adaptação em tempos de pandemia, é crucial para a inclusão e o bem-estar da população sénior. A capacidade de adaptação aos meios tecnológicos e digitais, a capacidade de implementação de estratégias e metodologias ativas de ensino a distância, a capacidade de fornecer meios para a capacitação e desenvolvimento de competências nos seus formadores e formandos.

Perante esta diversidade de experiências, fruto de um tempo de pandemia que, de forma abrupta, se instalou na nossa sociedade e em particular nas nossas instituições de ensino, convidamos à leitura dos sete artigos aqui apresentados. Artigos que nos transportam para uma das questões centrais da sociedade contemporânea: a educação online em tempos de pandemia - desafios e oportunidades para uma escola inclusiva.

Referências Bibliográficas

- Daniel, S. J. (2020). Education and the Covid-19 pandemic. *Prospects* 49, (pp. 91-96). <https://doi.org/10.1007/s11125-020-09464-3>.
- Fleming, N. (27 março 2020). New Strategies in Special Education as Kids Learn From Home. *Edutopia*. <https://www.edutopia.org/article/new-strategies-special-education-kids-learn-home>
- FPDA (2020). *As Perturbações do Espetro do Autismo*. <http://fpda.pt/autismo>
- Loureiro, A. & Barbas, M. (2014). Active Ageing – Enhancing Digital Literacies in Elderly Citizens. In: Zaphiris P., Ioannou A. (eds) *Learning and Collaboration Technologies. Technology-Rich Environments for Learning and Collaboration. LCT 2014. Lecture Notes in Computer Science, vol 8524* (pp. 450-459). Springer, Cham. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-07485-6_44



- Loureiro, A. & Bettencourt, T. (2014). The Use of Virtual Environments as an Extended Classroom – A Case Study with Adult Learners in Tertiary Education. *Procedia Technology*, Volume 13, 2014 (pp. 97-106). <https://doi.org/10.1016/j.protcy.2014.02.013>
- Loureiro, A.; Vaz, C.; Rodrigues, M.; Antunes, P. & Loureiro, M. J. (2009). Factores Críticos de Sucesso em Comunidades de prática de Professores Online. In: Dias, P. & Osório, A. (org.) *Proceedings of the VI International Conference of TIC in Education – Challenges 2009* (pp. 1069-1084). <http://hdl.handle.net/10400.15/2154>
- Melo, A. M. & Loureiro, A. (2017). Impacto do estudo da informática na melhoria do pensamento crítico e autonomia intelectual: um estudo com mulheres na modalidade educação de jovens e adultos no Brasil. *Revista da UIIPS*, 5 (3), (pp. 129-141). <http://hdl.handle.net/10400.15/1969>
- SPN (16 abril 2020). *Atual situação de saúde pública penaliza de forma agravada estes alunos, podendo fazer disparar as desigualdades*. <https://www.spn.pt/Artigo/e-d-a-inclusao-e-as-desigualdades>
- UNODC (2020). *Gender and Pandemic - URGENT CALL FOR ACTION*. https://www.unodc.org/documents/pakistan/Advocacy_Brief_4_Gender_-COVID-19-Punjab.pdf